

MR35: Materialidades etnográficas: fabular com as coisas

Coordenação: Mylene Mizrahi (PUC-Rio)

Debatedor/a: Paulo Maia (UFMG)

Participantes: Vânia Z Cardoso (UFSC), Luciana Hartmann (UnB), Viviane Vedana (UFSC), Mylene Mizrahi (PUC-Rio)

Resumo:

Parafrazeando a famosa expressão de Ingold (2012), há algum tempo a antropologia vem “trazendo as coisas de volta à vida”, entrelaçando noções acerca de materialidades e matérias, agência e vida, sujeitos, coisas e objetos, no projeto de repensar o lugar que as coisas ocupam na análise social. Uma questão que tem ocupado um lugar menor emerge em uma outra tensa confluência, aquela das propostas de autores como Gell (1998), de formular abordagens não “linguágicas” para os objetos, ou de Miller (1987), que nos remete ao “modo silencioso” com que a forma material nos ordena, ou de Ingold (2007) de que as propriedades dos materiais são histórias da experiência de sua ocorrência. Isso sugere que o “trazer as coisas de volta à vida” implica uma atenção à escuta, aos ritmos do ouvir e ao ouvir dos ritmos (Tsing e Ebron, 2015) no trabalho de campo e na escrita etnográfica. McLean (2017: xi) propõe que a antropologia seja uma “arte fabulatória”, capaz de atuar nos “interstícios entre mundos humanos” - o lugar clássico do encontro etnográfico - e nas “fronteiras do humano” - em suas múltiplas acepções de dissolução e criação. É este exercício fabulatório sobre as vidas e as coisas, sobre palavras e gestos, sobre escutas e ritmos, sobre coisas e os gestos de narrar que se pretende ensaiar nesta mesa.

A voz, a fala e outras partes da pessoa: a matéria do artista funk

Autoria: Mylene Mizrahi

Tendo como mote episódios de criminalização do funk carioca dos quais participei argumentando a favor do ritmo em audiências públicas, eventos acadêmicos, entrevistas aos meios de comunicação, elaborarei sobre a apropriação de minha fala e voz - emitidas em entrevista ao Fantástico, programa da Rede Globo - por um grupo de artistas na composição da base da música “Funk não é crime”. Argumentarei que as especificidades da lógica apropriativa funk, que evidenciarei junto à categoria nativa “rouba-rouba”, encontra-se a serviço do que designo como sendo o hiper-realismo funk. Esse traço hiper-realista se faz concomitantemente a uma busca de visibilidade que, excessiva para alguns, pode permitir entender por que o funk “incomoda” tanto e é criminalizado. Ao mesmo tempo, esse tornar-se visível, que se faz acompanhar de uma estética do choque, se alimenta e é produto de partes destacadas de pessoas. Nesse caso, partes apropriadas de mim mesma e outras destacadas do artista que, como pessoa fractal, se distribui e age pelo mundo, levando longe sua mensagem. Esse distribuir-se se faz igualmente manifesto por meio da imagem, espalhando-se pelas redes e pelo meio digital. Imagem que novamente traz à cena a “realidade” do artista funk, o que me leva, por fim, a pensar sobre como relacionar a performance funk e o Afrofutursimo. Se neste último a ancestralidade é acionada para produzir narrativas de um futuro transgressor e utópico, que se realiza na ficção, o artista funk ficciona sobre o real para explicitar o presente como se desenrola à sua frente. Ao elaborar sobre o hiper-realismo funk elaboro sobre os modos apropriativos do artista pop, que são também modos políticos de agir sobre a materialidade no mundo.

33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

Realização:



Apoio:



Organização:

